

Criminalizar a defesa da Constituição é Crime

Zilda Márcia Gricoli Iokoi¹

Antonio Ribeiro de Almeida Junior²

Somos um país de democracia fraca e intermitente. Há dois setores do grande capital responsáveis por essa fragilidade: de um lado, o latifúndio monocultor e o pecuarista e, de outro lado, o da especulação financeira, da indústria e da Construção Civil, com grandes empreendimentos destinados a transformar as cidades em espaços contínuos de destruição e reconstrução, cada vez mais inadequadas ao bem viver sem se importar com o ambiente.

Esses dois setores movem-se e, hoje, se articulam sem que nada o constranja ou responsabilize pelas consequências do que fazem. São os senhores das guerras como nos tempos sombrios vividos há menos de quatro décadas onde financiaram e controlaram o golpe que durou 21 anos e que fez de nosso país uma colônia dos interesses internacionais.

Lutar contra esses poderes foi sempre um risco que inúmeros brasileiros pagaram com a vida destrocada nos calabouços dos órgãos de repressão. Naqueles tempos nosso setor militar optou pelo silêncio ou pela adesão e com isso

1 Professora Titular do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

2 Professor Titular do Departamento de Economia, Administração e Sociologia – ESALQ – USP; Coordenador do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS – FFLCH - USP

houve uma separação entre civis e militares, que foram aliados da burguesia cujas benesses atraíam parte deles. São esses militares que estão se manifestando em favor de um outro golpe militar, inconformados com o direito cidadão conquistado e garantido na lei maior do país. Essas conquistas foram sendo realizadas com muita resistência ao longo dos anos de chumbo entre 1964 e 1985.

Reconstruir as estruturas democráticas custou muitas vidas, uma vez que as organizações e manifestações foram tratadas como subversão à ordem e reprimidas em processos cada vez mais violentos. Forças de repressão civis e militares impediram o funcionamento de escolas, sindicatos, partidos e a imprensa silenciada e com agentes da censura inseridos nos espaços de trabalho das empresas de comunicação, especialmente as de notícias e as de produções culturais.

A censura estava inteiramente controlada pelos golpistas que deste modo impediam que o conjunto da sociedade, mas especialmente os desprovidos de espaços ou meios de informação, percebessem o que ocorria. Campanhas nacionalistas desviavam a atenção e os meios de comunicação experimentaram o que significava criar controle social pela política de “pão e circo”.

Foram anos de resistências para reverter esse estado de opressão. As organizações de trabalhadores foram as primeiras a iniciar lutas públicas dado o

processo insuportável de arrocho salarial, a ausência de políticas públicas de saúde, a instabilidade no emprego, as escolas deterioradas, e os esquadrões da morte que violavam os pobres nos bairros periféricos.

Assim, nasceram dois modos de enfrentamento dessa situação: o chamado crime organizado que passou a se constituir como comandos nos espaços onde o poder policial impedia a chegada da justiça e, as lutas dos trabalhadores nas

Reconstruir as estruturas democráticas custou muitas vidas, uma vez que as organizações e manifestações foram tratadas como subversão à ordem e reprimidas em processos cada vez mais violentos.

fábricas e nas escolas constituindo comissões e grupos de autodefesa rumo à conquista dos direitos sociais. Dessas manifestações, eclodiram movimentos sociais de massa em diferentes setores e espaços e uma energia refreada por longos anos de criminalização das lutas. Em uníssono buscavam dar um basta à repressão, a partir de grandes assembleias operárias e estudantis, das organizações religiosas, dos intelectuais como os das organizações da OAB, da ABI, da Ordem dos Arquitetos Brasileiros.

Luiz Inácio Lula da Silva representava os trabalhadores metalúrgicos, do ABC em São Paulo, que se insurgiram contra os dirigentes dos sindicatos controlados pelas organizações patronais. Eles ocuparam fábricas, ruas e praças em defesa de liberdades, cidadania e direitos e pelo fim da repressão, que havia criado locais de tortura dentro dos quartéis como o que se instalou na Rua Tutóia em São Paulo. A tortura atingiu inúmeros homens e mulheres da forma mais desumana. Na Rua Tutóia foi assassinado o Jornalista da TV Cultura, Vladimir Herzog, tendo uma repercussão que se estendeu para toda a América Latina, Europa, Estados Unidos e Oriente Médio.

Foi esse processo que mobilizou multidões em luta pela reconstrução da democracia ora ameaçada pelos mesmos grupos que reclamam contra as liberdades, o direito às informações, à legitimidade de dizer o que precisam e de criticar os desvios que tem nos afastado da nossa Carta Magna: A Constituição Brasileira de 1988, Constituição Cidadã, como a batizou Ulisses Guimarães, num dia histórico para o Congresso Nacional!

É isso que incomoda os poderosos e os militares acostumados a se sentar às Mesas da Casa Grande e que hoje odeiam Lula pelo que ele representa na história recente do país e no direito às livres manifestações que conquistamos respaldados e em defesa de nossa Lei Maior a Constituição Brasileira de 1988!

* As ideias contidas neste artigo são de seu(s) autor(es) e não necessariamente expressam as posições oficiais do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS.